

FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

# FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

179

INSCRIÇÕES 676-677



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

COIMBRA 2018

ISSN 0870-2004

*FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.*

*Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, os volumes estão disponíveis no endereço [http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos\\_index/ficheiro](http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro).*

*Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.*

*Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.*

*José d'Encarnação*

Toda a colaboração deve ser dirigida a:

Instituto de Arqueologia  
Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes  
Faculdade de Letras | Universidade de Coimbra  
Rua de Sub-Ripas | Palácio Sub-Ripas  
P-3000-395 COIMBRA

*A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:*



## CIL II 427 REVISITADA

CIL II 427 é uma inscrição funerária que se identificou em 1788, em Prados (Caria)<sup>1</sup>. Escreve Viterbo<sup>2</sup> (actualiza-se a grafia):

«No lugar de *Prados* junto à vila da Rua, está a capela de São Domingos, que mostra uma venerável antiguidade: dizem que em outro tempo fora igreja matriz. No seu frontispício se vê uma pedra muito comprida, da natureza e feitio daquelas que se erigiam em título na cabeceira das sepulturas romanas: é toda lisa e só na parte mais alta tem uma pequena tarja quadrada, aberta na mesma pedra, que por estar posta de lado e as letras mui gastadas do tempo e ressaltadas, com dificuldade grande se podem ler. Não é fácil averiguar se foi para aqui trazida de outra parte, se aqui mesmo se achou na sepultura de *Victor*, filho de Mário, que nela foi sepultado. A inscrição é como se segue» (p. 165):

---

<sup>1</sup> Hübner localiza esta Caria no território de Lamego, indicação compreensível por Viterbo anotar (I, p. 163) que «em Portugal temos algumas terras com este nome», mas ele só vai tratar da que fica no bispado de Lamego.

<sup>2</sup> VITERBO (Frei Joaquim de Santa Rosa de), *Elucidário das palavras, termos e frases que em Portugal antigamente se usaram...*, tomo I (A-F), Lisboa, em casa do editor A. J. Fernandes, <sup>2</sup>1865. Note-se que, por lapso, se escreveu na capa a data de 1365. A notícia que se transcreve vem nesse tomo I, na pág. 163, s. v. «Caria» (que corresponde certamente à p. 329, referida por Hübner, que consultou a 1ª edição, de 1798).



Hübner (CIL II 427) copia esta leitura e faz brevíssima síntese do que Viterbo escreveu.

O facto de não ser epígrafe com um texto usual, pois se propõe, na parte final, a leitura HEIC SE/P(*ultus*) IACET; e, por outro lado, a circunstância de essa menção vir integrada na descrição que Frei Bernardo de Brito faz dos monumentos romanos dessa zona, entre os quais não hesitou em referir uma epígrafe por ele forjada<sup>3</sup> – esses dois factores levaram a que se procurasse saber da real existência do monumento. Existe. A verificação de que a leitura correcta divergia substancialmente do que, até agora, se transcrevia justifica a sua inserção no *Ficheiro Epigráfico*.

Trata-se de uma longa estela, de granito fino e topo semicircular delimitado por cordão saliente (danificado na sua parte superior), encastrada, de facto, no lado esquerdo de quem olha para o frontispício da referida capela (FIG. 1), na qual foram esculpidas, vazadas, como que para a benzer, três cruzes, a representar um calvário, estando a cruz central prolongada pelo silhar inferior (FIG. 2). A epígrafe foi gravada em campo epigráfico rectangular, rebaixado, que a longa exposição aos agentes atmosféricos degradou bastante, nomeadamente ao nível das últimas linhas. Por esse motivo, a sua leitura aí só foi tornada possível mediante a utilização, por Alexandre Canha, de técnicas fotográficas digitais específicas.

Dimensões: 222 x 52/46 x 24<sup>4</sup>.

Campo epigráfico: 57/57,5 x 36/37.

---

<sup>3</sup> Cf. «Uma epígrafe romana forjada por Frei Bernardo de Brito», artigo de José d'Encarnação a publicar no volume de 2019 da revista *Biblos*, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

<sup>4</sup> Espessura máxima visível.

VEGETVS / MARI(i) · F(ilius) · / H(ic) · S(itus) · E(st) /  
SAILCIVS / <sup>5</sup> LAVCI · F(ilius) · / [III VIVVS / DE · SVO · //  
F(aciendum) C(uravit)]

Aqui jaz Vegeto, filho de Mário. Saílcio, filho de Lauco, para ele, em vida, a expensas suas mandou fazer.

Altura das letras: l. 1 e 2: 5,5; l. 3: 8; l. 4 a 7: 5/7,5. Espaços: 2: 1,5; 3: 3/4,5; 4: 1/3; 5: 1; 6: 1/1,5; 7: 1; 8: ?

Paginação com tendência a seguir eixo de simetria, como pode deduzir-se do arranjo dado à l. 3. Pontuação circular. Caracteres mui verosimilmente gravados com goiva, desenhados à mão levantada, sem recurso a escantilhão; **A** sem travessão, **M** e **V** abertos, **S** assimétrico.

As três primeiras linhas não oferecem agora dificuldade de leitura; contudo, na versão veiculada por Hübner, que a copiou de Viterbo, está VICTOR na l. 1 e, na l. 2, MARI · F; em relação à l. 3 já houve mais dificuldade e ‘viu-se’ HEIC SE, ou seja, fez-se o desdobramento da sigla, que é de H(ic), e entendeu-se SE como o começo da palavra SEP(ultus); IACET imaginou-se que poderia estar na pedra, na medida em que essa era a fraseologia de um outro horizonte cultural, mais requintado e literário, a antecipar, dir-se-ia, os formulários das primeiras comunidades cristãs. E mais se não tentou, devido ao mau estado da superfície epigrafada.

O método bicromático ensaiado por José Carlos Santos (FIG. 3) e a aplicação de filtros, a que já se fez referência, por parte de Alexandre Canha (Fig. 4 e 5), permitiram-nos avançar com a hipótese de leitura apresentada, que pusemos, porém, entre parêntesis recto, mais por uma questão de precaução, diga-se, do que de verdadeira dúvida. De resto, a dúvida real reside, de modo específico, na expressão *iii vivus*, por duas razões: 1<sup>a</sup>) não há motivo aparente para se grafar E com dois II; 2<sup>a</sup>) o mais habitual é o ablativo absoluto *se vivo*, quando alguém, em vida, prepara o seu sepulcro e correspondente epitáfio; ora, se a nossa interpretação estiver certa, o beneficiário, digamos assim, do gesto benemerente, será o defunto e, concomitantemente – pressupõe-se – o benemérito, pois que o normal será que também ele venha a ser ali sepultado. Falta-nos a informação sobre o laço (familiar ou de amizade) que uniria *Vegetus* e *Sailcius*, o que nos leva a

supor na possibilidade de ser essa a menção patente na l. 6. Não logramos, porém, de momento, outra alternativa, parecendo-nos que *de suo* se poderá ler na linha seguinte e, também, a fórmula habitual nestas circunstâncias: *f(aciendum) c(uravit)*, inscrita já fora do campo epigráfico, o que não é de estranhar.

Essas mui pertinentes dúvidas não invalidam o que, neste tipo de documentos, constitui o cerne da investigação: a nomenclatura antroponímica usada. E a onomástica dos dois personagens referidos, ainda que seguramente contemporâneos, revela-nos dois níveis de aculturação: *Vegetus* é filho de *Marius* – e ambos os antropónimos, ainda que usados à maneira indígena, são etimologicamente latinos; *Sailcius* é filho de *Laucus* – e estes dois antropónimos integram-se claramente no estrato linguístico pré-romano.

*Vegetus*, que Kajanto<sup>5</sup> relaciona com uma propriedade do corpo e da mente – a força, o poder mental – foi, na verdade, muito comum na Península e, mesmo sem nos atermos a dados estatísticos recentes, a indicação de Kajanto é elucidativa: dos 67 testemunhos que encontrou no conjunto do CIL, 28 foram registados na Hispânia (CIL II) e o mapa 319 (p. 336) do atlas antroponímico da Lusitânia<sup>6</sup> mostra bem a sua extraordinária dispersão.

*Marius* insere-se igualmente nesse horizonte de conotação pré-romana, na medida em que, sendo propriamente um *nomen*, se utiliza aqui como nome único, a denotar, estamos em crer, incipiente conhecimento dos usos latinos.

*Sailcius* aparenta-se com *Saelcius* e *Saelgus*, nomes pertencentes ao mesmo radical. No referido *Atlas* há, deles, uma escassa dezena de testemunhos (mapa 262, p. 292), ocorrendo mais o patronímico *Saelci* ou *Saelgi*. José María Vallejo<sup>7</sup> refere-se *passim* a estes antropónimos, nomeadamente quando aborda o radical *sailc-* (p. 391-393), afirmando, em relação a *Sailcius*: «Podemos decir que nos hallamos ante un nombre típico lusitano,

---

<sup>5</sup> KAJANTO, Iiro, *The Latin Cognomina*, Roma, 1982 (reimp.), p. 247.

<sup>6</sup> NAVARRO CABALLERO (Milagros) e RAMÍREZ SÁDABA (José Luis), *Atlas Antroponímico de la Lusitania Romana*, Mérida – Bordéus 2003.

<sup>7</sup> VALLEJO RUIZ (José María), *Antroponimia Indígena de la Lusitania Romana*, Vitoria-Gasteiz, 2005.

no atestiguado en ninguna otra parte» (p. 392).

Já o patronímico *Lauci* – que se nos afigura passível de ser aqui identificado sem grande dúvida – resulta uma raridade. Rodríguez Colmenero<sup>8</sup> registou esse antropónimo em duas epígrafes de *Aquae Flaviae*, onde o mais normal *Glaucius* não é aceitável. Na sua inscrição nº 210, *Laucius Rufinus* faz dedicatória ao pai, *Laucius Rufus*; na nº 211, há referência a uma *Laucia Rufin(a) Lauci f(ilia)*. Ao que parece, pelos dados de que dispomos, são as duas únicas ocorrências desse antropónimo, usado tanto como *nomen* quanto na de nome único.

Em conclusão:

- 1) Confirmou-se a existência da epígrafe, sobre a qual nada de novo se escrevera desde Hübner, fonte única para as referências posteriores.
- 2) Consequentemente, fez-se a descrição do monumento, que também se desconhecia.
- 3) Utilizou-se um novo método de digitalização das imagens através de filtros específicos que permitiram melhor visualização do texto.
- 4) Corrigiu-se, desta forma, a identificação do defunto e apresentou-se uma proposta de identificação do responsável pela ereção do monumento, cuja onomástica, bem enquadrada no horizonte linguístico pré-romano típico do Ocidente peninsular, vem acrescentar dois testemunhos de antropónimos não muito comuns.

Cremos ter ficado assim justificada a inserção deste estudo no *Ficheiro Epigráfico*, sendo, porventura, aplicável aqui a expressão latina *non nova sed novi*: não se apresentaram novidades, mas apresentou-se algo de novo, com outros olhares.

Pela paleografia e pela estrutura textual, é documento que datamos de meados do século I da nossa era.

ALEXANDRE CANHA  
JOSÉ D'ENCARNAÇÃO  
JOSÉ CARLOS SANTOS

---

<sup>8</sup> RODRÍGUEZ COLMENERO (A.), *Aquae Flaviae. I: Fontes epigráficas da Gallaecia meridional interior*; Chaves, <sup>2</sup>1997.



1



2

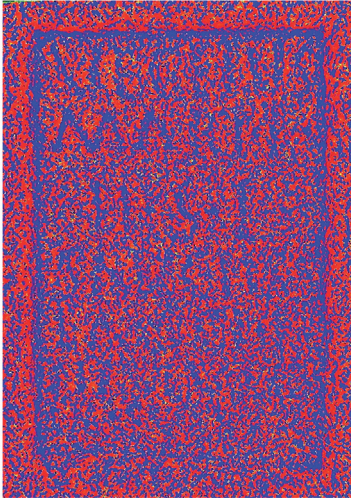
677

*Ficheiro Epigráfico*, 179 [2018]

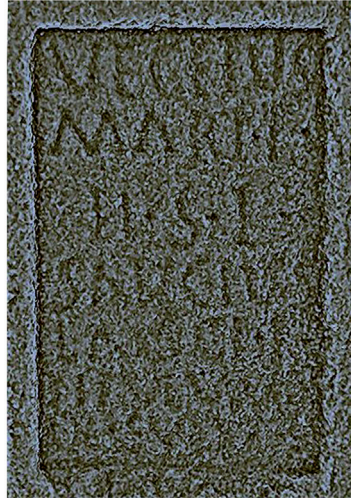




3



4



5

677